ANO I—N.º 12 6 DE AGOSTO DE 1944 (Avença) PREÇO 1$00

O Gaiato

OBRA DE RAPAZES, PARA RAPAZES, PELOS RAPAZES

REDACÇÃO E ADMINISTRAÇÃO
Casa do Gaiato do Pôrto
PAÇO DE SOUSA

Director, Editor e Proprietário
PADRE AMÉRICO

COMPOSIÇÃO E IMPRESSÃO
Tip. da Casa Nun'Alvares
R. SANTA CATARINA, 628—PORTO

PRAIAS E TERMAS

NÃO vai muito longe que eu recebi uma oferta de 20$00 em carta discreta, a dizer que era a multa de um chá em família; *eu também quero pagar a cota que devo a essa obra.* Cota modesta, de um chá seguramente modesto e freqüentado por gente de primeira linha a julgar pelos sentimentos de quem ofereceu e convidou.

Por muitos títulos, me alegrou esta oferta. A' fôrça de ver os soalheiros distintos da cidade, eu cuidava que tinham passado os tempos do chá servido em família por boas donas de casa, em prata da casa, que nenhuma outra é capaz de substituir. Cuidava sim, mas felizmente enganei-me. No pavoroso desmoronar universal, ainda há quem saiba resistir ao importado *five O clock tea* dos folhados còrantes, das conversas inúteis, da exibição desmarcada e do nenhum respeito pelos que trabalham e sofrem. Sim, ainda há na nossa terra baluartes de genuína vida portuguesa. Bem haja minha Senhora pela oferta e pela lição. Quem dera que as mães e as mulheres de Portugal a recebam humildemente e sejam mais sóbrias, mais recatadas, mais compassivas.

A Snr.ª Maria da Anunciação, uma viúva muito digna, mãe de oito filhos, a quem uma doença incurável levou aos últimos degraus do calvário; essa heroína sem par, tão pobre que nem sequer tinha quem lhe lavasse a roupa, deixou-me êste recado à hora da morte; e eu cumpro hoje a minha missão.

Em nome dEla; em nome de todos os nossos irmãos que sofrem, menos *soalheiros chiques* e mais amor, oh mulheres de Portugal!

A maré cheia das nossas praias e termas, começou nos primeiros dias do mês de Julho. A todos quantos necessitam do benefício das águas por falta de saúde, ou do benefício de repouso por excesso de trabalhos, eu cordialmente desejo o melhor aproveitamento. Já tenho lugar marcado no Casino da Figueira da Foz. Espero a cada momento uma notícia alegre do Casino de Espinho. Sei que andam amigos empenhados no da Póvoa. As termas de Vidago, já içaram o sinal de porto franco; Luso e Buçaco são terrenos conquistados. Pois bem; a todos estes sítios hei-de ir ler a mensagem divina do primeiro mandamento e pedir a cada um a multa das suas férias. Não vais escutar o clássico conferente a ler as pautas do seu trabalho magistral, como a imprensa costuma pôr no dia seguinte. Muito menos o famoso orador sagrado, com sua estola de oiro sôbre rendas preciosas. Vais ouvir um pai de família a pedir pão para os seus filhos, — e isso basta. O êxito das obras sociais consiste no segrêdo divino de as tornar humanas.

O sacrifício de cada hora é parte integrante destas obras. E' necessário afrontar o calor e o frio das estações, o incómodo das viagens, o fiasco dos peditórios, as amarguras da crítica, a dureza dos argentários — tudo quanto repugna ao nosso ser e dificulta o nosso ideal. Todo aquêle que, dentro das obras chamadas sociais, pretenda fazer e na verdade faça, obra humana, torna-se por isso mesmo, e *só por isso*, o revolucionário do seu tempo. Revolucionário pacífico, equilibrado, fervoroso, penitente, muito feliz. Trata em tudo e por tudo com o Pai Celeste! Leva na alma a paixão do Evangelho e indica ao mundo a beleza de Cristo, não o *cristozinho* [illegible] de piedade, — mas Cristo Crucificado.

Vou pedir por essas praias.

Vou falar na Obra da minha devoção. Compreendo que tem de ser assim, com estas experiências amargas e desânimos de todos os dias, que as paredes se hão-de erguer. Ninguém me deve nada. Não tenho títulos para exigir. A minha chapa de mendigo, se é verdade que não é estigma, também me não dá direitos. Os obreiros do Evangelho caminharam sempre naquela luz e vivem daquela verdade que vem do próprio Evangelho.

Irei pedir. Porém, uma das grandes mágoas que eu guardo no meu peito, é esta necessidade dura que o mundo me impõe. Não a sinto por minha causa, mas sim pela dos teus filhos e dos teus netos. Dentro daquele mesmo raciocínio límpido e equilibrado, confesso pùblicamente que a maior cegueira dos homens é justamente não verem que para uma obra desta natureza, não devia ser necessário pedir; que, se para grandes males aparece o grande remédio, todo o mundo se deve levantar, dar um passo à frente e declarar a sua unânime presença. Devia ser Obra de todos, desde que está em jôgo o interêsse espiritual de todos. Sim, digo espiritual, porquanto os povos não valem pelo que teem, mas sim pelo que são.

Houve tempo em que eu tinha grande aceitação diante de um senhor rico, muita aceitação. Desde o dia, porém, em que êle me ouviu dizer no supedâneo do altar a verdade caseira, de que pode muito bem chegar a ser possuidor sem honra o que não souber distribuir pelos irmãos; — desde êsse dia, risquei: *nada que êle é perigoso.*

Se é perigoso quem denuncia o mal, que dizer de quem o comete?

O Amadeu

EM fins de Maio, houve aqui um desastre, que levou ao hospital o Amadeu da Covilhã. Como foi coisa espectaculosa, houve sangue no rapaz e lágrimas aflitas em todos, todos os seus companheiros. O rapaz teve alta. Falou-se de como êle havia de vir; carro de bois, carro de mão, jumento.

—Não, diz o Sérgio; biciclete.

Foram por êle, Pepe e Sérgio, de biciclete.

Estávamos todos à mesa quando se ouve um grito:

—Está ali o Amadeu!

Num repente, a sala ficou sem ninguém. Todos aqueles que choraram à partida, foram agora chorar à chegada!

O Desconhecido das ruas! Eles teem lágrimas de alegria. Teem lágrimas de compaixão. Eles teem tudo para dar. Dão tudo e esperam tudo!

Resposta a uma Carta de Lisboa

Sim, minha Senhora; o panorama da rapariga das ruas é muito mais degradante do que no caso dos rapazes. A mulher portuguesa devia fazer seu e sentir todo o mal que daqui nasce. Tem coragem? Lance as rêdes em nome do Senhor. Não diga a ninguém, ou diga a muito pouca gente, aquilo que se propõe realizar; o calado é o melhor. Se V. Ex.ª pertence à Comissão das senhoras de Lisboa, que já publicaram na alta imprensa o programa da futura Casa da Gaiata, *é de esperar que tudo ficará como dantes, a saber: as senhoras em suas casas, e as garotas nas ruas!*

Espero que não pertença.

Não tenha mêdo da falta de recursos. Comece consoante o que tiver. Abrigue-se em qualquer toca. Ame infinitamente a criança e meça a profundidade do bem que lhe faz, livrando-a do mal da rua. Considere a estupenda irradiação do facto. Multiplique o amor que se chama Caridade—e basta.

De uma vez, uma servente de nome Joana, condoída da sorte de uma velhinha das ruas, levou-a para sua casa, que era um simples quarto de aluguer, algures em França. Nêsse dia, por aquela forma, nasceu o Instituto das Irmãzinhas dos Pobres. A senhora Joana não fez programas. Não disse a ninguém o que ia fazer. Amou!

Não pretenda imitar nem copiar o Padre Américo. Faça Obra sua, com o seu sinete, olhando à natureza da rapariga, que requere outros tratos diferentes do rapaz.

Também julgo que não devia chamar à Obra Casa da Gaiata; *parece que estamos assim a forjar imitações, como se fôramos fabricantes de pomada para os calos ou de pasta para os dentes! Se eu fôsse a Si, começaria a trabalhar na Obra e mais tarde dar-lhe-ia o nome que conviesse. Ou quere baptizar a criança antes dela nascer?*

Acredite na minha sinceridade. Espere tudo do meu apoio moral. Entregue-se absolutamente nas mãos de Quem nutre obras desta natureza.

ESTE NÚMERO DE "O GAIATO" FOI VISADO PELA COMISSÃO DE CENSURA

Fala o João Maria Freitas

Venho por meio destas duas letras agradecer a um Senhor do Porto por nos ter mandado a forja para o nosso serviço da casa. Peço e espero que o Padre Américo me arange ferro para eu poder trabalhar. O que me falta é ainda alguma ferramenta para o meu ofício. Temos camas um fogão e ferramentas dos nossos trabalhadores do campo para arranjar. Falta-nos ainda a ferramenta issencial um cavalete um torno os gaiatos agradecem desde já a quem tiver a amabilidade de nos mandar isto.

Faz quatro anos no dia 15 de Outubro que eu entrei na casa do gaiato de Miranda do Corvo no meio de dois empregados da camara Municipal da Lousã. Não entrei por doente mas como vadio chamavam-me Pato o terror da Lousã estive uma vez preso na cadeia de Lousã mas ao anoitecer veio lá o chefe da guarda dar-me um cobertor para eu me deitar— —eu respondi para comigo á manhã já me cá não apanhas. Aserta altura da noite levanto-me e mêto os braços pelos buracos da grade e caio de cabeça para baixo levanto me e asubo por uma capoeira para cima do muro de uns 10 metros de altura salto para a linha começo á carreira chego á estação esta-va um homem eu pregunto não passou qui um homem para cima não fui para casa de manhã chega um guarda e levame para o pósto cheguei lá e depois mandaram-me embora.

Este é o Freitas. E' o João Maria Freitas. E' hoje o maior da Casa. Foi o pior de todos. Foi necessário fazer dêle menina dos meus olhos, ajoelhar-me no chão frio em rogos ao Pai Celeste. Amar.

Hoje manda e é obedecido. Eu estava no nosso magusto, em Novembro passado. Lançaram-se dois alqueires de castanhas no chão, e por cima caruma. Crepita a fogueira. Saltam alguns rapazes e todos remexem as castanhas.

—Alto, diz o Freitas. Agora ficam só três a descascar.

Pronto. Nem mais um ai. Eu sou testemunha do acto.

O Freitas sabe de tudo. Vai buscar tudo. Arranja tudo. Compõe o rádio, mexe na luz, conserta as fechaduras, safa rascadas em terra e mar, — *pronto, já está!*

Recado que se dê ao Freitas, não chega nunca ao fim;—*já sei!* Ele penetra no pensamento antes de ouvir a palavra. O Freitas comunga às vezes. Se calha ser eu a dar-lhe a comunhão, e tem calhado, extremeço de alegria. Apresenta-se com ar convicto de quem sente e tem necessidades espirituais.

Crónica desportiva

Os Gaiatos jogadores de Miranda do Corvo ganharam a Segunda Colónia por 20 a 6, no desafio realizado no Domingo dia 22 de Julho no largo dos Bujos onde tôda a gente do lugar gostou de vêr o desafio dos gaiatos.

Os gaiatos alinharam:

Umberto, António, João, Velha, Freitas, Manteigas, Solimana, José Maria.

Nós jogamos com uma de pano.

Viva os gaiatos de Miranda do Corvo.

Noticias Diversas

O Zé Maria de Sinfães veio pelo seu pé e puxou a campainha da nossa portaria. Fico sempre com muita pena de não ter um instantâneo do gracioso coloquio, entre o porteirito e o farrapão. Há muitas ocasiões assim. Eles acodem de tôda a parte e narram ao irmão porteiro as suas amarguras. O Zé Maria mandou recado e eu desci, a vêr. Trazia fome e cinco dias de viagem. Lavou-se, vestiu-se, comeu. Começa o interrogatório dos mais atrevidos; o rapaz teve ocasião de informar que a Mãe faz e vende nas feiras, chapeus de palha.

—Olha, êste que eu trago e dela.

—E tu sabes fazê-los?

—Não sei.

—Que pena. Se soubesses ensinavas agora a gente, que temos aí tanta palha!

Zé Maria, depois das apresentações do estilo, entra no regimento. Muito sujo do corpo, lavado da alma, não traz consigo o contágio venenoso das cidades. E' aberto. Tem olhar franco, alto e confiado.

Mas Zé Maria é dos caminhos, anda afeito à redea solta. O trabalho faz-lhe doêr. Queixa-se.

—Olhe lá: deixa-me ir à festa de S. Pedro à minha terra?

—Não. Vais para o ano.

Zé Maria sabe horas e roteiro dos combóios. Toma um mercadorias *em Cete às 2 da madrugada e amanhece em Mosteirô. Foi à festa.*

Andam os tempos e Zé Maria aparece de novo ao nosso Tiro-liro.

—Vens por muitos dias?

—Diz ao snr. padre Américo que nunca mais fujo.

Subiu as escadas. No cimo, estava a malta. A prova que os nossos fugitivos passam, é simplesmente horrivel. Houve o castigo de canas ao alto, chocalhos, ditos;—e a sineta a tocar a fogo! O Zé Maria engoliu a pilula tôda, todinha. Está salvo. Quando cá vieres, chama o Zé Maria e ouves dele mesmo a história.

OUTRO dos caminhos,—o Daniel. Já tinhamos um com este nome, de Paços de Brandão; o segundo, diz ser natural de Baltar, do lugar de Ramos. Diz mais ter 11 anos de idade, que não sabe dos pais e que anda a dormir pelos palheiros. Com vista ao senhor abade da freguesia de Baltar ou qualquer dos assinantes daquela terra, para que me auxiliem a identificar o abandonado.

Esperou dois dias fora da porta, à experiência; o nosso porteirito levava-lhe de comer, a horas. Ele via a nossa vida, pelas grades do portão e insistia: — anda, diz que eu ando a dormir pelos palheiros.

Mereceu entrar.

Trazia no corpo uns restos de fato-macaco e na face, expressão de inocencia e bondade. A' hora do terço, este pequenino reza, de mãos erguidas!

Mãos postas do pequenino dos palheiros; vós sois as pedras de sangue, muros de elevação, deste reduto de amor!

O nosso Manelsito veio há tempos de Miranda com a Governante, a Mãe, *como êle lhe chama.* A Mãe, *colocou-o de chefe de um pequenino grupo, de pequenos como êle, a limpar uma das nossas ruas.*

—O' Mãe, a mãe mandou-me mandar e eu mandei buscar vassouras e ninguém fez caso.

O Manuel tem 6 anos. E' nosso há trez. Foi retirado aos 18 mêses de uma retrete, onde a mãe o lançara, com intuito, talvez. de o matar, para fazer a vontade a um homem. Assim diz o processo, cuja cópia pedi e conservo, para que o Manuel o estude, quando fôr homem, e seja amigo da Casa do Gaiato.

CHEGOU o tempo das maçãs. As nossas arvores estão a vergar. Os rapazes vão com cestos apanhar as do chão. Depois de sair a broa do forno, entram toneladas de maçãs para fazer merendas.

O nosso Gaio morreu.

O Sérgio chamou os cosinheiros à pedra, mas êles são três. Ninguém quere as culpas para si. Como o Carlos fôsse o mais instado, por ser o chefe, saiu-se muito bem:

—Olha, morreu de noite!

EU estava sentado à mesa do nosso refeitório, a fazer a digestão com dois dedos de cavaco, quando ouço à distância uma infernal algazarra; eram vozes de criança e latidos de cão. Daí a nada entra o turbilhão pela cosinha dentro, transpõe a larga porta dos frades que diz para o refeitório e vem até junto de mim, ululante:

—Um coelho.

—Quê?

—Sim! um coelho. A nossa gata anda sempre pelos campos e pela mata às toupeiras e ós coelhos.

O Sérgio aperta o bicho nas mãos, convulsivamente. A malta fixa os olhos e pede que o deite ao chão para ver como êle foge. Foi-se a votos e decidiu-se colocar de novo entre o mato e os fetos, até crescer, o feliz habitante das selvas. Tudo quanto é vivo perturba êstes pequeninos cheios de vida. Querem segurar com suas próprias mãos, ver como palpita, descobrir o mistério da vida; são os insectos, são as borboletas, são os passarinhos, são os animais domésticos:— companhias felizes de quem hoje vivem perto é a quem procuram melhor conhecer, para melhor amar!

ESTAVA eu a escrever estas regras, quando o Carlos e o Constantino, os nossos cozinheiros, apareceram à porta do meu quarto:

—Olhe.

Era o Carlos com um cestinho de feijão verde e 3 cebolas.

—São do meu quintal.

Nessa noite, a minha ceia constou de cebolas e vagens do quintal do Carlos.

NOTA DA QUINZENA

Comecei já a tomar contacto com as tôcas dos bairros pobres, no Pôrto, e a escutar histórias dos seus habitantes; foi jeito que Deus me deu.

Preciso de trazer comigo largas munições, não para atacar inimigos, mas sim para consolar estropeados. Quero livros de senhas para os refeitórios das Cosinhas da Legião. Espero receber livros de senhas na volta do correio. Tenho de responder à confiança de aqules *estrangeiros* que fielmente me procuram, quando passo nas ruas *deles*, intra muros da cidade. Tenho pena, sim, de dar espéctáculo e ser notado, mas se não posso remover êste mal, não quero, por causa dêle, deixar de te fazer bem. Sim, fazer bem a ti, distribuindo a esmola que me confias.

De uma vez, acompanhava eu um excondenado à estação, a quem fa dar bilhete para a sua terra natal. Tinha sido lá dentro, e era cá fora, um revoltado. Passa um senhor e mete nas minhas as mãos dêle — *tome para os seus rapazes.* Abri. Mostrei 500$00.

—Quem é?

—Não conheço.

—Quê?!

Não sei quem é. Tinhamos falado vezes sem conta, dentro da cela da Penitênciária. Eu tinha a desgraça de ser padre, a pior recomendação para o melhor dos homens;—nunca me quis escutar!

—Agora, sim, bom padre, que vejo e que sinto! Faz uma leve pausa. Põe os olhos no chão e daí a nada irrompe:— pois não tenho o direito de ser mau, se ele há no mundo gente tão boa!

Deixa-me ser o dispenseiro fiel dos teus dons. Nem só quem lava a sôpa fica contente; também fica quem a vê dar. Para combater o Mal—só o Bem.

Notas várias da Casa de Coimbra

MANDEI chamar o Manuel Arlindo, para ir aviar um recado à vila. Aparece com um enorme arco, pronto a marchar.

—Que é isso, Arlindo?

—E' o arco dos recados.

—Deixa que hei-de pôr o arco no jornal.

O pequeno segue caminho em fora a tocar o arco, muito feliz e eu mais ainda, mas nunca mais pensei no caso nem na notícia do jornal.

Na manhã seguinte, que era o dia do meu regresso de Miranda, estava na estação à espera do combóio, quando dou fé do Arlindo, a correr para junto de onde me encontrava.

—Que queres tu?

—Não se esqueça de pôr o arco no jornal!

Este Arlindo tem sua história. Não há nenhum dêles que a não tenha. Por hoje, basta que saibas que êle foi um dos garotos que levou mais tempo a afeiçoar-se ao trabalho.

Temos tido aqui alguns donativos que são:— 20$00 de um estudante, e medicamentos, e 300$00 de um amigo de Coimbra, e mais 100$00 de outro, e 20$00 de Matozinhos, e 20$00 de Coimbra, e 50$00 de Abrunheira, e mil de Lisboa, e 200$00 da mesma cidade, e um sobretudo, e alguns pares de calçado, e 20$00 no Castelo, e mais 20$00 de um sacerdote.

Do que se diz e do que se faz na

:Casa do Gaiato de Coimbra:

Saí de Paço de Sousa a caminho de Lisboa. O Júlio foi mais eu até ao Pôrto, e ali se demorou em serviço da casa. Na estação de Coimbra, veio o Herlander dar um ar da sua graça nos poucos minutos de demora do comboio. Dentro tudo à cunha. Por entre os cachos de passageiros, ouve-se o pregão dos creados—4.ª *série*. Lembrei-me de comer. Levava 3 laranjas numa saca e fiz delas o meu jantar. Daí a nada, dávamos fundo no terminus.

A luz inunda. Olhos ansiosos procuram quem chega. Porteiros fardados berram os seus hotels. Um mundo a esperar outro mundo. Marcaram-me quarto rente à Praça da Figueira, no Francfort. Há um cheiro esquesito a natureza morta.

Manhã fora, estava em S. Domingos. Gosto de dar pão vivo aos que dêle teem fome.

A'quela hora, naquele altar, tantos famintos! Bemaventurados os que tem fome e sêde de Deus!

Eram nove quando tomei café. No hotel não se dá volta.

—Que é isto?

—São trocas, diz o creado.

Isto tem sido aqui um mundo de gente. Amanhã veem inglêses.

Trocas! Rasgam-se assim vidas como quem rasga chita, só para ver quem ha-de ser o maior;—antípodas do Evangelho! A guerra é um monstro!

Saí para a rua às 11. Entrei nos Ministerios à procura dos Senhores que têm a faca mai-lo queijo. Uns estavam em conferência, outros a despacho; e em quatro Grémios, cada um em seu Bairro, não fui mais afortunado. Cheguei ao hotel às 14 e dei cincoenta e dois mil e quinhentos ao taxi;—perdido por um, perdido por mil.

—V. vem tão triste!

Era o creado, com pena da minha cara.

A's 16 andava novamente na rua, a fazer a mesma via-sacra, agora com menos estações e estas mais gloriosas.

Deus levanta sempre aqueles mesmo que parece deixar cair. Os Senhores, condoídos da minha sorte, abriram os seus tesoiros.

Aviado e contente, dei um giro à noitinha, a ver como o lisboeta se diverte. O dia seguinte, amanheceu formoso. Um *ardina* vendia *O Gaiato* ao pé das pombas do Rocio.

Eram quasi horas quando entrei no *Rápido* e chegamos a Coimbra a horas. Gosto de Coimbra. Nasceram-me ali os dentes da minha vocação.

Anoiteci em Miranda e tirei a pluma das mãos do P.e Adriano, para fazer a crónica quinzenal, nas vezes dêle Atenção!

●

—O Freitas tem uma rôla. O Albino tem um melro. O Zé Maria tem um pintassilgo, cada ave em sua gaiola; o Freitas é o gaioleiro.

●

—O nosso carneiro marra. Já atirou com alguns ao chão, dos mais pimpões.

●

—O Venâncio tomou conta da padaria; estamos actualmente a coser 20 quilos por dia, por amor das colonias de campo que estão agora em maré chaia. Este Venancio não sabe quem é, mas eu sei que êle é bom e espero muito dêle. Parece ter uns 14 anos.

●

—Quando cheguei, não estavam o Joaquim, o Manteigas, o Humberto, o Zé Luiz, nem o Manuel.

—Que é dêles?

—Foram às pinhas.

A' tardinha chegaram muito carregados e muito felizes, a cheirar a rezina de pinheiro.

—Demos com um pinheiro carregadinho e voltamos amanhã.

Assim foi. Os cinco largaram com o orvalho da manhã, agora munidos do carro de mão, que êles adoram. Nós aquecemos o forno com pinhas, por economia.

●

—O Adriano deu com um ninho de melro. Disse em muito segrêdo ao Zé Maria, por ser êle o seu maior amigo. Não sabia o Adriano que *o meu amigo amigos tem* e desta ignorância resultou que todos na casa ficaram a saber e o melro foi roubado.

—Somos actualmente 37 aqui em casa, número forçado; trinta, é a conta. Os lugares de mais nobreza são o do chefe (o João Mária) e o do cozinheiro (o Luiz). Estes dois rapazes teem consciência do seu valor e os outros, dão-lho. Para orientar esta comunidade de futuros homens, temos a Governante, a Mãe como lhe chamam os mais infantes, e temos o Professor e *não* temos mais *ninguém*.

Estás lá Portugal? Estás a ouvir? Estás a compreender? Eu repito: uma Comunidade de 37 ex-vadios das ruas a operar livremente a sua formação.

●

—Tinham-me dado em Lisboa 100$00 para o tesoureiro da Conferência de S. Vicente de Paulo. Chamei-o, mais o Presidente e Secretário. Vi a derradeira acta; havia 37$50 em caixa. Falamos longamente sôbre os negocios do Pobre. Os Pequeninos desfiam com eloqüência. A visita é às terças. Na feira da vila, compram géneros e panos. Pão, levam-no de casa; do pão dêles. O Presidente, no dia da visita, levanta-se da mesa e vai de roda com um cesto, convidar os seus pequeninos companheiros a repartirem com os Pobres do seu pão. Alguns dão-no todo!

Estás lá Portugal? Ouves? Compreendes? Quem me dera que sim.

Estas crianças são precisamente do espirito daquela do Evangelho, que deu os cinco pães de cevada, para um mundo de gente comer! Nós só temos um caminho certo, uma pedagogia segura de os tornar bons; é levá-los a praticar actos de bondade.

P. S.—No hotel, encontrei sôbre a mesa do meu quarto, um envelope com listas de assinantes. Sim senhor. Vou mandar desde já para os nomes das Províncias e para os de Lisboa sòmente em Outubro. Bem haja o *Ignoto X*. Mais ignotos. Se amas a Pátria arranja assinantes. Este *amigo* deu 48 nomes.

Duas provas

Também aqui chegaram as cólicas. Os nossos gaiatos sentiram-nas a sério. E' que estava em risco a reputação da Casa.

Vá lá! Portaram-se bem. Os quartro apresentados a exame, mereceram aprovação, sem favor.

Uma das Professoras levou a sua amabilidade a premiá los com dois cartuchos de bolos.

Trouxeram-nos para casa.

A' noite, de pois da cela, num abraço de parabéns, os bolos deram a volta com um dedalzito do Pôrto.

A' volta da mesa, como fazem as famílias unidas, deitámos contas ao futuro: um quere ser marinheiro, outro caixeiro, outro relojoeiro; o outro não se decidiu ainda por ofício nenhum. Cada um troça da escolha do parceiro:—*tu queres ser marinheiro e não sabes nadar?...*

—*E tu queres ser caixeiro e erras as contas na Escola?*

—*Olha um relojoeiro que nem sabe ver as horas!*

Entretanto todos os companheiros, são convidados a tomar parte nos bolos. Todos comem e ainda sobeja bolo.

—Que se há-de fazer a êste resto!

—*Ficam para os nossos pobres*, respondem.

Foi a melhor prova daquele dia. Se na primeira ficaram aprovados, na segunda, ficaram distintos.

Acta da Conferência de S. Vicente de Paulo dos Gaiatos de Miranda

A vèlhiuha das Mias está muito doente e já não come o que a gente lhe leva e só quere beber água. Diz que só pede a Nossa Senhora para a levar porque não pode sofrer mais. Levamos-lhe um lençol que uma senhora da vila deu outra peça de roupa que uma senhora de Leiria trouxe. Temos já um colchão para lhe mandar. Para êle recebemos 50$00 que o sr. Padre Américo nos mandou. Também recebemos uma carta com 10$00 duma senhora de S. Martinho da Cortiça, por alma do marido, e um quilo de açúcar também de Leiria. Vamos distribuir as peças de roupa que as raparigas dos Bujos fizeram de graça com o pano que compramos na feira. Agora precisamos de algodão e ligaduras para dois dos nossos pobres que teem feridas muito grandes.

O Secretário
João Carlos Freitas

CARTA ABERTA Á

Meia d'ouro

Desde o dia em que nos estabecemos em Paço de Sousa e data em que V. Ex.ª tomou de nós conhecimento, temos experimentado grandes trabalhos na comunidade, por via dos presentes dessa Casa.

E' de saber que temos o correio à porta, sempre que «O Gaiato» publica a festa dos que fazem anos.

Os delicados pacotes são abertos na rouparia em presença dos interessados, e como em regra se trata de peúgas finas, finissimas em alguns casos, seque-se que a notícia corre veloz e todos anseiam o Domingo, para mostrar.

Quando se trata de ir ao Porto, em serviço da casa, fervem os empenhos á nossa costureira, para o mais vistoso par.

—Ande Menina Ema, que eu trago-lhe uma coisa!

Todos os que saem a aviar recados ao Porto ou a Coimbra, gostam de trazer prendas à nossa costureira, mais ou menos adequadas.

O Periquito, porém, desastrado em tudo, também aqui dá bota. Trouxe-lhe de uma vez um maço de cigarros... de chocolate.

Mas vamos às nossas amarguras, meu senhor. A baralhada das peúgas é, de facto, tremenda, mas muito pior foi o caso da bola: estava eu pôsto em sossêgo no meu lugar de trabalho, quando oiço à porta um desusado rumor. Entrou o Júlio com o correio e 3 pacotes:

—Uma bola!

—Que é que quere essa gente tôda?

—Uma bola!

—Mas quem é que os chama aqui?

—Uma bola!

A malta não se segurou. A' frente vinha o Sérgio,—o Chefe!

—Olha é «Trindade»!

Os rapazes enlouqueceram, meu senhor. Nesse dia não houve paz em nossa casa!

Não foi a bola que os chamou ao meu quarto, naquela hora de trabalho para todos; foi o delírio do Júlio, que gritou a novidade, antes de entregar as cartas e êles vieram certificar-se.

ASSINATURAS PAGAS

Já vamos a caminho dos 3 milhares de assinantes. Nunca se viu jornaleco tão miudo caminhar tão depressa! Mesmo com erros de gramática e até, possivelmente, por causa dêles, é lido de ponta a ponta por todos quantos o compram.

«Mande-me desde o número um; quero ter a colecção».

Joaquina Tinoco de Cucujães 25$00, Cândida Augusta Queiroz de Coimbra 20$00, P.e Norberto Menezes da Figueira da Foz 30$00, (quando apareces, Norberto?) António Guerreiro Abolm de Matozinhos 20$00, Maria Helena Tavares de Prado e Castro de Coimbra 20$00, P.e José Rodrigues Lôbo de Oliveira do Hospital 50$00, Maria Zulmira Gingeira Ferreira do Pôrto 20$00, Olinda Maria Landureza Rodrigues Oliveira de Oliveira de Azemeis 30$00, Empregados da Secção de Registos de Lisboa 30$00. Afonso Magalhães do Pôrto 50$00, Fernanda Goucha do Pôrto 50$00, Maria Madalena Ferreira Coelho de Bombarral 20$00, Alvaro Carinhas Camilo de Bombarral 20$00, António Maria de Oliveira do Pôrto 100$00, Manuel Nicolau da Costa de S. João da Madeira 100$00, Benjamim António Oliveira Valente de S. João da Madeira 50$00, Mário Lusitano do Estoril 50$00, Horácio Francisco Cura de Olivais 25$00, Cecilio Monteegro Garcia do Estoril 50$00, Vasco Goulha Jorge de Caxarias 40$00, Amélia Simões Ornelas de Lisboa 25$00, P.e Abel Ferreira Alves do Seminário de Lamego 70$00, José Maria da Costa do Fundão 20$00, Francisco Raposo Nunes de Moura 20$00, Ramiro Leão do Pôrto 100$00, Luís dos Santos Monteiro de Contumil 100$00, Maria Isabel Sucena Côrte-Real de S. João da Madeira 25$00, Camila Alves do Pôrto, 30$00; Albina Laura Gaspar de Paços de Brandão 30$00, Hernani José Aires do Pôrto 30$00, Dulcinia Adalgiza Alves Marques do Pôrto 30$00, Maria Emilia de Albuquerque Pinho de Albergaria-a-Velha 25$00, Isaura de Campos Coroa de Faro 24$00, Maria Ludovina de Coimbra 20$00, José Luis Rosa de Miranda do Côrvo 20$00, Menino Assis Pacheco de Coimbra 100$00, Helena Pinto de Coimbra 25$00, Henrique da Graça Oliveira M. Barros Gomes da Foz 50$00, Francisco Fernandes Guimarães do Pôrto 100$00, Adelaide Coelho de Meneses de Ribeira da Pena 20$00, José Baeta Cardoso do Vale de Coimbra 25$00, José Monteiro da Costa de Montemór-o-Velho 25$00, Alda Maria Dias Coimbra de Coimbra 12$00, P.e João Alvares de Moura de Alcains 100$00, D. Cristina Reis de Braga 50$00, António Morais C. Matos de S. Gabriel 50$00, Mosteiro de St.ª Escolástica de Roriz-Negrelos 50$00, Manuel Ferraz do Hotel da Batalha do Pôrto 50$00, José Manuel do Couto Rodrigues de Lisboa 25$00, Rubi Augusto de Oliveira da Praia da Rocha 24$00, Palmira Morais Pinto Duarte da Praia da Rocha 32$00, P.e António Tavares Martins de Fânzeres 30$00, Beatriz Mendonça de Lisboa 50$00, Maria da Luz Santos de Lisboa 100$00, Marie Thérese Albinãna de Parede 25$00, Miss Réra Crowcroft de Lisboa 25$00, Georgina Pires de Matosinhos 20$00 Artur Romariz do Pôrto pagou meio ano 26$00, José Freire Neno pagou meio ano 26$00, Félix Moura de Braga 5$00, Rita Macedo Dias Pinheiro das Caldas de Moledo 25$00, Herculano César do Pôrto 25$00, Júlio Pinheiro Mota Menezes do Pôrto 25$00, Manuel Lopes de Oliveira do Pôrto 25$00, José Correia de V. N. de Gaia 30$00, Franquelina Cardoso de Lisboa 20$00, Joaquim Lacerda de Figueiró dos Vinhos 20$00, Inês Martins Guimarães da Fonseca da Foz 100$00, Paulina Amorim do Porto 20$00, Maria da Conceição Freitas de Araújo de Braga 20$00, Olívia Cardoso da Foz 20$00, Dr. Medeiros Lima de Lisboa 20$00, Joaquim da Costa Oliveira de S. Mamede Infesta 20$00, Roque Alves Mourão de Braga 20$00, Oscar Calçada de Barcelos 20$00, Maria Margarida Vieira Botelho do Pôrto 25$00, Amélia Marques de Aguiar do Pôrto 25$00, Lucy Ferreira Pinto Basto de Obidos 25$00, Luís de Sousa Monteiro de Lisboa o mesmo, Bernardino Alves Marinho de Guimarães e Victor Carreira de S. João da Madeira e Oliveira Cardoso do Pôrto e José Gonçalves de Araújo de Viana do Castelo e José Rodrigues de Vizeu e Ernesto Garcia de Brito de Gaia e Armando de Castro Neves do Pôrto e Jorge Ryder Costa de Lisboa e Manuel Espregueira Mendes de Viana do Castelo e Alvaro Azevedo do Pôrto e Maria Celeste de Guimarães —todos êstes assinantes pagaram 20$00. Valentim de Carvalho de Lisboa 100$00, Fernando Gomes da Silva idem 50$00, Francisco Manuel Sotto Mayor do Pôrto 30$00, Fernando de Almeida da Foz 30$00, Isaura Hamig do Pôrto 50$00, Maria Samaguém do Pôrto 50$00, António Spencer Vieira de Lisboa 50$00, José Joaquim Barbosa de Gaia 30$00, Maria Luisa da Costa Cruz de Lisboa 50$00, Ivete da Costa Cruz do Funchal 50$00, David Serrano de Mogadouro 50$00, Conceição Nunes de Braga 100$00, João Matos de S. Gabriel 50$00.

Continua.

Do que nós necessitamos

Mais, em o Depósito, uma encomenda com livros da irmã do *Zé Ninguém*.

Já não era pouca intriga este Zé Ninguém, senão que vem agora a irmã dele acender novas curiosidades. Diga lá quem é, minha senhora, e não *frite* a gente! A irmã do Zé Ninguém é, afinal, alguém, a julgar pela escolha dos livros.

Não é nada facil saber comprar leitura para esta classe de gente.

Já temos as estantes da nossa sala de leitura. O José do Pôrto, um dos frequentadores, veio dizer há dias, a esfregar as mãos de contente:—*agora sim*.

Mais um pacote de livros. Mais uma prenda de anos. Mais o mesmo. Mais um pacote de roupas. Mais um dito. Mais um.

Nunca é de mais para os nossos, a roupa usada dos vossos. Desde que há um jornal na nossa terra, que revela com verdade o que as nossas crianças precisam, ninguém deve por mais tempo deixar coisas nas gavetas, à acção do caruncho.

Mais uma nota de cem; mais uma dita. Mais um pacote de livros e 20$00. Mais idem idem. Mais uma oferta de 30$00 para as *alminhas da Aldeia* e para o mesmo fim, duas quadras de um poeta. Nunca há-de faltar o azeite nem a devoção do Pequenino que queira alumiar os nossos mortos. Mais linho de altar para a nossa Capela. Mais um anel de oiro e duas pequeninas medalhas idem, para o *cálice da capela*. Esta legenda traz o nome de *Mãe*. Nome indefenido, mãe de ninguém. Este mesmo nome tem aparecido várias vezes, grande, eloquente, nas ofertas mais santas e mais discrectas que chegam às nossas casas. A carta dos 30$00 para as *alminhas* de que se faz referência atras, trazia a doce palavra — *Mãe*. A gente chora e extremece de comoção, ao ver o sêlo branco do amor, firmado com tal nome.

E ele há mulheres em nossos dias, tantas como as estrelas, que trocam por outros este nome precioso. Faz pena! De que vale o teu nome, oh mulher, se ateimas em não seres mãe? Quem pode fazer-te feliz, se a tua vida é fraude? Há dias, num brinde de casamento gostei tanto de ouvir a um amigo do noivo *o crescei e multiplicai-vos*, como imperativo da festa; gostei tanto, sim, por ser verdade eterna!

Mais 20$00 do Peso da Regoa. Mais 20$00 do Pôrto. Mais 20$00 para as *alminhas* de uma assinante do «O Gaiato». Mais 40$00 de prenda de anos. Mais 50$00 de Leça.

Mais sete contos depositados no Banco de um *Tripeiro Vicentino*. Este aviso do Banco, foi recebido no dia da festa de S. Vicente de Paulo. Tenho a certeza de que o Vicentino assim o quiz. Mais de Lisboa jogos e doces, mais idem idem, tudo prenda de anos. Os pequenos que recebem rebuçados ou coisas de lamber, tiram primeiro a sua parte e do que fica vão distribuir à hora da refeição. Mais vinte e cinco tostões de um visitante. A senhora de Oliveira de Azemeis que nos mandou galinhas, pede a cesta para mandar perús. Sim, senhora. Já foi para o Depósito, e lá se procura o que vier. Mais 100$00 de um visitante, que ficou assinante de *O Gaiato*. Mais 100$00 de um sacerdote, outrossim. Mais retirado da Caixa de esmolas do Depósito 110$10. Mais um pacote de amendoas e piões. Mais nas ruas do Pôrto um *tome lá* 20$00, e *tome lá mais* 20$00, e outra vez a mesma coisa e ainda outra vez 20$00, tudo ali na Praça Nova, a caminho do Combóio. Ele há marés de sorte! Mais 50$00 de um visitante e outro tanto de outro. Mais 160$00 de outro visitante, mais 3 lençois de linho e mais 50$. de um sacerdote e suas irmãs que quizeram ver as obras. Era linho de bragal, a cheirar a caixa. Mais 50$00 de um visitante. Um outro, do Pôrto deixou ficar mil escudos e deseja oferecer a imagem de S. José, da futura capela.

Mais no Depósito, 2 pares de piugas, e um pacote de riscados para seis peças de roupa nova para seis Gaiatos, de um voto. Mais um lindo fato azul em magnifico uso que há-de luzir nas ruas do Pôrto, como adorno de ex-maltrapilhos.

Mais uma farda completa da *Mocidade*. Manda mais destas fardas.

Mais uma deliciosa encomenda de comes e bebes para a festa dos anos do Augusto,—«pela linda acção que tu fizeste».

Mais uma pancada de retalhos, mais 2 pacotes de rebuçados, mais três livros para a nossa casa de leitura, mais 100$00, mais 100$00 —tudo de visitantes. Mais 50$00 do Pôrto. Mais 10$00 de uma creada de servir. Mais de Oliveira de Azemeis uma gaiola de perús! Quem dera que os ladrões não me deem ensejo de uma lição à Comunidade, como foi no caso das galinhas. Houve capitulo nessa noite. Os mais interessados nos ovos, que por isso ficaram tão tristes, foram chamados à barra:

—Vês como tu magoas os a quem roubas?! As tuas dores de hoje são as dores dêles!

Sim, boa senhora, se tem a devoção de nos oferecer um par de meias rendadas mande para o Depósito!

Mais 500$00 da igreja do Carvalhido e mais nada.

P. S. Ainda não temos o Rádio!!

Venda do jornal

Na forma do costume, o pequenino rancho de pequeninos vendedores, embarcou na estação de Cête às primeiras horas da manhã. Desta vez, foram mais severas as instruções, porque mais dilatado o raio da acção dos infantes trabalhadores. Assim é que Pepe, Júlio, e Periquito venderam em Espinho e na Granja.

Não foram muito afortunados na venda, mas o Periquito chegou radiante: *olhe trago aqui 100$00 da Senhora D. Leonor*. E relatou de como esta senhora tinha camas feitas e tudo preparado, no caso de os vendedores ali quererem pernoitar. Ninguém conquista como a criança!

Em Leça e na Foz venderam Rio Tinto e o Gari.

Este foi comer a casa de uma tia que ali tem, e o primeiro abancou em casa de família amiga da Obra. No Porto, venderam: Amadeu, Oscar, e João. O primeiro teve a sorte de caír na simpatia da gerência do café *A Brasileira* e ali tem feito praça com magníficos resultados. Em nome da multidão dos gaiatos, deixo aqui uma palavra afectuosa ao Senhor que ali risca. A' hora do almoço, em vez da costumada Pensão, os três arautos tiveram lugar em acolhedora mesa da qual disseram muito bem e eu digo muito melhor porquanto, quem meu filho, ama minha bôca adoça. Trouxeram esmolas avulsas, uma delas de 20$00 dentro duma carta muito distinta e letra muito bem feita, na qual se promete uma maquia de 10 litros de bom azeite. Será que, nesta terra de Paço de Sousa, os nossos potes ressequidos vão ter dias de glória como os de Miranda? Assim seja.

Trouxeram também uma pulseira de oiro! O Pôrto já tem tanta confiança nestes homens de amanhã, que lhes entrega afoitamente joias de subido valor.

Ontem, repelentes e repelidos. Hoje conhecidos e procurados. E' só porque êles são amados que tu hoje assim os amas. O amor do Evangelho é ódio às avessas.

O Amadeu e o Oscar, também foram vender à estância termal das águas de S. Vicente e de Entre-os-Rios e assim levamos aos quatro cantos do mundo a glória dos nossos feitos!

O Amadeu veio muito consternado; vendeu apenas 25 jornais. Ele é az da venda no Porto, e faz disso grande capricho.

—Dizem que eu sou bonito e compram muitos *Gaiatos*.

Ora êste dito que gira no Porto, tem-no feito inchar um nadinha. A humilhação de Entre-os-Rios veio em muito boa hora.

—Compre-me o *Gaiato*.

—Oh rapaz; bota lá isso no caixote do lixo!

E assim o despediam. Bem feito!

CARTA DE LISBOA

A CASA DO ARDINA

Em vésperas de partida para a «Colónia de Férias» na Parede, nem sei o que te diga, «Gaiato», amigo, da azáfama que vai «Casa» ..

Os rapazes andam a procurar merecê-la, nós andamos a ver se o que nos dão nos chega. .

A azáfama é mútua, é comum. Nós temos pena se êles não merecerem ir, êles afligem-se com a ideia de que nos vamos endividar ..

Afligem-se mais do que nós, que tanta Confiança temos em todos na generosidade de cada um até à «última hora»!...

Dámos graças pelo que já recebemos, para a «Colónia»!... E foi: 1.700$00 em dinheiro (é pouco mas... esperemos mais...) 10 litros de feijão, 7 quilos de bacalhau, 2 queijos grandes, 26 latas de conserva, 5 quilos de chouriço, 1 quilo de manteiga, 2 quilos de marmelada, chocolates, 7 quilos de sabão, 5 quilos de farinha, 3 fatos de banho, uma toalha, além dos 75 quilos de arroz do «Grémio dos Industriais do Arroz», e de 10 chapéus de palha de uma Amiga do Lar.

E' tudo o que temos à data em que te estamos a escrever Contamos ter mais, entretanto...

E serão os ardinas quem farão a conquista das generosidades, que eu não consigo fazer mais do que dizer que... estou «conquistada»!.

Há dias recebemos uma carta a agradecer o que estamos a fazer pelos ardinas do freguês dum dêles... Fôra «conquistado» pelo... ardina e não por nós...

E numa audiência que nos foi concedida por alguem altamente colocado, recebemos um donativo particular motivado pelo juiso e respeito com que os vira assistir à missa das 11 horas em S. Roque e vira chamarem o sacristão para também *darem a sua esmola* ..

Conquistas feitas por êles, pela maneira como êles aproveitam da sua «Casa» e a estimam...

*

Agora o grande sucesso da «Casa» e que os traz meio-doidos», foi a cedência de dois quartos para Séde do «Sporting da Casa do Ardina» e do «Benfica da Casa do Ardina». Cada qual enfeitou a sua séde, à sua maneira, ao seu gôsto. Teem reuniões, discutem problemas desportivos e... educativos...

O pior é que às vezes não sabem... perder... querem ganhar sempre, esquecendo-se que é a saber perder, a vencerem-se, que êles ganharão a batalha da vida, a grande batalha da «Casa do Ardina»!... Aquela para a qual todos teem que nos ajudar! ..

Aquela pela qual, todos nós lutamos!...

Tu-nós-êles, afinal!...

E' a causa do «homem de amanhã»...

E os ardinas vão entendendo, vão compreendendo, e conseguem ajudar-nos na nossa missão.

Temos «pequeninos», de 8 a 10 anos. Casos especiais que os obrigam a ser «chefes de família» com aquelas idades diminutas.

Formam um grupinho à parte, na grande família de 38, que êles já são na «Casa do Ardina».

Teem aulas separadas, brincam tanto quanto sòsinhos, estimando-se e ajudando-se uns aos outros, com verdadeiro espírito de caridade.

Nas aulas, que lhes são dadas pelo João Faria—12 anos e já com a 4.ª classe, (e, permita-me um àparte: muito bem dadas, graças a Deus!) o José Carlos é o monitor. Ajuda a arrumar os cadernos, os bancos, etc, pois é dos «pequeninos» o mais adiantado.

O Sérgio está cada vez com mais juiso Ernesto tem uma bola que é pertença de *todos os coninos*, como êle diz na sua linguagem ao referir-se a êles-próprios, «pequeninos»...

O Fernando, dos últimos a chegar, começa a estar menos indisciplinado, o Armando menos teimoso, e o Joãozinho consegue ter dias de «grande juízo», embora... raros!...

Há dias o juízo foi tanto que lhe foi conferido um «prémio» de... juízo. O José Carlos tivera tão pouco, que fôra «suspenso» da «Casa» naquele dia por castigo.

O Joãozinho, então, fechando com chave de oiro o seu dia, pediu como prémio o levantar do castigo do José Carlos!... Foi logo concedido, está claro e apreciado o gesto de camaradagem do Joãozinho.

Gostarimos tanto que êles fôssem sempre assim bons uns com os outros, pela vida fora, a dar ao mundo uma prova de felicidade e alegria que traz uma boa e sã camaradagem, a verdadeira caridade fraternal numa palavra.

E' a pedir e a dar graças por tudo que nós encontramos, os ardinas e nós.

MARIA LUÍSA

Pão dos Pobres

E' um livro do Padre Américo, que já vai no 3.º volume, alguns dos quais em 2.ª edição. Nêle se conta de como nasceram as Casas do Gaiato, de como nós deixamos cair o Pobre e de como Êle se lamenta.

Adquire hoje o livro.

Vende-se nas Livrarias do País.